



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

ATIVISMO AMBIENTAL NO  
CONTEXTO PORTUGUÊS: ESTUDO  
EXPLORATÓRIO SOBRE  
MOTIVAÇÕES, FACILITADORES,  
OBSTÁCULOS E IMPACTO  
PERCEBIDO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante-

*Ruben Clemente Solé*

Porto, outubro 2023



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

ATIVISMO AMBIENTAL NO  
CONTEXTO PORTUGUÊS: ESTUDO  
EXPLORATÓRIO SOBRE  
MOTIVAÇÕES, FACILITADORES,  
OBSTÁCULOS E IMPACTO  
PERCEBIDO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante-

*Ruben Clemente Solé*

Trabalho efetuado sob a orientação de

Doutora Alexandra Carneiro

Doutora Marisa Costa

Porto, outubro 2023

## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação contou com importantes apoios e incentivos de diferentes pessoas que contribuíram de forma determinante para a sua concretização e, com ela, o encerramento desta importante etapa no meu percurso académico.

Agradeço às minhas orientadoras Dr.<sup>a</sup> Alexandra Carneiro e Dr.<sup>a</sup> Marisa Costa, pelo apoio em todas as horas, pela partilha de ensinamentos, paciência e por confiar integralmente nas minhas capacidades. O meu mais puro e sincero obrigado.

Um agradecimento especial à minha família, que é e sempre será o meu chão. À minha namorada por toda a motivação, estabilidade e amor, por ser a minha maior aliada na viagem que é a vida. Aos meus amigos, que no bem e no mal vão estar sempre presentes e a todas as pessoas que aqui não foram mencionadas, mas que sabem que tiveram especial importância na realização deste trabalho.

## **Resumo**

O presente estudo tem como objetivo conhecer a experiência de ativismo ambiental em contexto português, nomeadamente a perspectiva dos ativistas quanto às suas motivações, facilitadores, obstáculos e impacto do ativismo. Numa abordagem qualitativa, foi realizada uma entrevista semiestruturada a um ativista ambiental com cargo de dirigente de uma Organização Não Governamental do Ambiente de âmbito local.

Os resultados permitiram concluir que, para além do ativismo ambiental ter vindo a ser cada vez mais facilitado, tal como a literatura indica, pela crescente participação da comunidade nas ações ativistas e pelo apoio de entidades de poder local, a falta de organização entre as diferentes associações ambientalistas nacionais e o antagonismo por parte de órgãos governamentais surgem como obstáculos mais proeminentes. Destaca-se a importância do contacto com a natureza enquanto um promotor da consciência ambiental e, conseqüentemente, motivador para o envolvimento no ativismo ambiental.

**Palavras-chave:** Ativismo; Ambiente; Comunidade; Motivação; Facilitadores; Obstáculos; Impacto.

## **Abstract**

The aim of this study is to understand the experience of environmental activism in Portugal from the activists' point of view, specifically in terms of their motivations, facilitators, obstacles and impact of activism. Using a qualitative approach, a semi-structured interview was conducted with an environmental activist who is the head of a local Environmental Non-Governmental Organization.

The results led to the conclusion that, although environmental activism is being increasingly facilitated, as the literature indicates, by the growing participation of the community in activist actions and the support of local authorities, the lack of organization between the several national environmental associations and the antagonism on the part of government bodies emerge as the most prominent obstacles. The importance of contact with nature as a promoter of environmental awareness and, consequently, as a motivator for involvement in environmental activism is highlighted.

**Keywords:** Activism; Environment; Community; Motivation; Facilitators; Obstacles; Impact.

## Índice

Enquadramento Teórico .....	1
Ativismo Ambiental .....	2
Motivações para o Ativismo Ambiental.....	3
Facilitadores e Obstáculos à Ação Ativista Ambiental .....	4
Impacto da Ação Ativista Ambiental .....	5
Método.....	7
Objetivo .....	7
Participantes .....	7
Instrumento.....	7
Procedimentos .....	8
Recolha de dados.....	8
Tratamento e análise de dados.....	8
Apresentação e Discussão dos Resultados .....	9
Conclusões.....	15
Referências .....	17
Anexos.....	22

## **Enquadramento Teórico**

O ativismo é um termo recente, introduzido em meados dos anos 70, que representa a prática intencional de lutar pela mudança social ou política, referindo-se assim à capacidade para “agir e fazer ou mudar a história” (Feinberg et al., 2020; p. 217). As várias práticas ou formas de ativismo podem ser de ação direta, tal como protestos, greves, boicotes e/ou desobediência civil não-violenta, ou de ação indireta, quando operam no sistema político-jurídico numa tentativa de influenciar o governo (e.g., *lobbying*) (Fisher & Nasrin, 2020). Em particular, o ativismo por ação direta demonstra, historicamente, um papel central no processo de mudança social, particularmente na luta por novos direitos e na defesa de direitos pré-existentes (Cammaerts, 2007).

A ação coletiva de ativismo define-se como qualquer ação empreendida por indivíduos em nome de um grupo para atingir os objetivos de grupo (Saab et al., 2015). De acordo com estes autores, os ativistas que se envolvem em várias formas de ação ativista, como as acima mencionadas, são geralmente membros formais de movimentos políticos e podem ainda estar envolvidos na organização e mobilização de outros grupos ligados ao ativismo (Saab et al., 2015). Assim, ainda que o ativismo possa ser, com alguma frequência, associado ao imaginário social de ações radicais e por vezes violentas de grupos que parecem não respeitar outros pontos de vista (Alsop & Bencze 2009), este exige responsabilidade e compromisso partilhado, bem como um relacionamento colaborativo entre comunidades, na tentativa de encontrar soluções adequadas para os problemas que se identificam como importantes e socialmente relevantes (Hodson 2014).

Em particular, na atualidade, a preocupação com a crise climática tem levado ao crescente envolvimento da população, em vários países, entre eles Portugal, no ativismo ambiental. O objetivo deste envolvimento é sobretudo o de pressionar os governos a agirem perante a problemática das alterações climáticas (Fisher & Nasrin, 2020). Desta forma faz sentido, não só perceber melhor o que se entende por ativismo ambiental, mas também o que motiva os indivíduos a se envolverem no mesmo, bem como o que consideram ser facilitadores e obstáculos à sua ação e qual o impacto que percebem em si e/ou na comunidade.

## **Ativismo Ambiental**

A crescente consciência individual e global de uma crise ecológica levou a que os problemas ambientais já não sejam concebidos de forma exclusiva como questões locais que afetam um número restrito de pessoas e com consequências limitadas a longo prazo. Deste modo, estes problemas são entendidos como estando ligados à sobrevivência humana num planeta que não pode continuar a suportar o consumo excessivo de recursos não-renováveis e a absorção de resíduos provenientes de processos industriais (Garner, 2011). Denota-se assim a importância das tendências ambientalistas para a população, que tem conduzido a um aumento significativo nas atitudes e comportamentos dos consumidores em termos de mais responsabilidade ecológica, assim como o seu envolvimento em movimentos sociais, como é o caso do ativismo ambiental (Ye et al., 2022).

Este tipo de ativismo amplia-se para incluir uma série de comportamentos que abrange a participação em grupos ambientais e o envolvimento em ações políticas ou organizações ambientais, de forma a influenciar as políticas ou decisões de gestão e encorajar comportamentos de pró-proteção ambiental (Baptista et al. 2018). Assim, comportamentos de quotidiano como a reciclagem ou a reutilização, para além de serem promovidos pelo ativismo ambiental, não representam por si só uma ação ativista (Marquart-Pyatt, 2011). Como refere Stern (2000), os ativistas ambientais, bem como a organização de grupos com o mesmo interesse, responsáveis por manifestações, petições e boicotes têm como objetivo mudar as opiniões e as atitudes das pessoas em relação ao ambiente, ou ainda, alterar a estrutura e dinâmicas dos ecossistemas e da biosfera.

De acordo com o relatório anual do *JustFutures* (2022), existiam, em 2022, 275 grupos nacionais com alguma intervenção no ativismo ambiental, presentes em todos os distritos e regiões autónomas de Portugal. Auscultando as principais preocupações destes grupos ativistas, é possível perceber que estas se prendem com a sustentabilidade, a defesa do património e os recursos locais, a defesa dos animais, a gestão de resíduos, a agricultura sustentável e a promoção da cidadania ativa. No que concerne à sua intervenção, as formas de ação privilegiadas são as ações performativas e/ou artísticas, ações de sensibilização e formação, protestos e manifestações, petições, ações judiciais/indiretas, campanhas e ativismo digital.

## **Motivações para o Ativismo Ambiental**

O envolvimento de indivíduos no ativismo ambiental decorre de uma série de fatores motivacionais, sendo que várias linhas de investigação têm procurado aprofundar o que motiva os indivíduos para a participação no mesmo (Molinario et al., 2020; Schultz, 2011). Mais concretamente, Boulianne e Ohme (2022) identificaram que a preocupação ambiental, para além de estar fortemente associada à participação em ações como boicotes e petições, não prediz a participação em ações mais diretas como manifestações. Por outro lado, o envolvimento com grupos pró-ambientais nas redes sociais surge como um forte preditor da participação em ações ambientalistas coletivas.

De um ponto de vista desenvolvimental, diversos estudos (Vining & Merrick, 2012), focaram-se em experiências da infância e adolescência que podem ter ativado o desejo de cuidar da natureza na vida adulta. Estes estudos sugerem que as experiências individuais são essenciais para criar uma relação significativa com a natureza, com implicações para as crenças e para os comportamentos pró-ambientais (Vining & Merrick, 2012). Wells e Lekies (2006), por exemplo, encontraram uma associação entre o envolvimento na natureza durante a infância e atitudes e comportamentos relacionados com o ambiente na idade adulta. Mais especificamente, verificou-se que o tipo e a frequência de experiências na natureza durante a infância e a forma como o mundo natural é considerado na infância e na idade adulta parece ter impacto no envolvimento em mais comportamentos pró-ambientais e na consciencialização acerca de questões ambientais. Nesta mesma linha, também os valores pessoais surgem como influentes, e, de acordo com Stern (2000), os valores e as crenças sobre questões ambientais constituem-se a partir dos valores pessoais, destacando-se o desprendimento dos bens materiais – pós-materialismo. Os valores pós-materialistas dão ênfase a objetivos não-materiais, como a qualidade de vida e a autorrealização, e estão associados a uma maior preocupação e envolvimento em questões ambientais (Bozonnet, 2016; Inglehart, 1995). Outros indicadores demonstram que a propensão para o envolvimento em ações ativistas depende da extensão da motivação pessoal para investir esforço na consecução de objetivos relacionados com a conservação e proteção do ambiente (Kaiser et al., 2008).

Importa ainda referir que as emoções desempenham um papel importante para o envolvimento no ativismo ambiental, pois estes representam um motor para a mobilização individual e/ou grupal. A este aspeto, o estudo de De Moor et al. (2020) analisou os dados de pesquisa sobre os participantes do protesto *Fridays For Future* em 19 cidades em todo o mundo nos dias 15 de março e 27 de setembro de 2019, destacando como sendo os

principais motivos afetivos para a mobilização: a participação; o sentimento de preocupação; e a frustração em relação às mudanças climáticas. No entanto, os ativistas também declararam a sua intenção de ter esperança sobre a capacidade das políticas para lidar com as mudanças climáticas, nomeadamente, a implementação de medidas de emergência climática e ecológica; a reforma tributária ecossocial a partir do ano de 2020 e as medidas para promover a biodiversidade.

### **Facilitadores e Obstáculos à Ação Ativista Ambiental**

No âmbito do envolvimento no ativismo ambiental, importa conhecer quais os fatores que facilitam ou dificultam a ação dos ativistas. A literatura (c.f. Ornetzelder & Rohracher, 2013) menciona que os principais fatores facilitadores podem estar relacionados com a capacidade para produzir efeitos práticos e alcançar objetivos concretos na comunidade, possuir visão e liderança e a capacidade para gerir atividades internas de forma criativa e democrática. Neste sentido, Feola e Nunes (2014) identificaram ainda a dimensão “humana” fator que contribui para o sucesso destes grupos ativistas. Esta dimensão inclui fatores como: o volume de voluntários ou membros ativos, que espelha o envolvimento da comunidade; a capacidade de manter a motivação, o entusiasmo e promover uma abordagem positiva e ambiciosa; e a adoção de princípios orientadores como a positividade, a diversão, o convívio e o sentido de comunidade. Por outro lado, os estereótipos negativos associados aos ativistas, nomeadamente a perceção dos mesmos enquanto “militantes e excêntricos”, podem contribuir para uma menor disposição dos indivíduos para se envolver nas causas defendidas e adotar os comportamentos promovidos pelos ativistas (Bashir et al., 2013).

Os comportamentos pró-ambientais, como o envolvimento em comportamentos de ativismo contra as mudanças climáticas, podem, igualmente, ser difíceis de implementar devido a barreiras individuais e socio-contextuais (Haugestad et al., 2021). Constituindo-se como obstáculos ao ativismo, destacam-se, a um nível individual, valores e padrões de comportamento não-ecológicos pré-existentes, falta de incentivos internos e externos, *feedback* insuficiente sobre os comportamentos, e a falta de conhecimento (Kollsuss & Agyeman, 2002). A nível organizacional, sublinham-se a dependência da contribuição de voluntários, a escassez de recursos materiais e os baixos níveis de financiamento, limitando a capacidade para promover inovação na comunidade e apoiar processos de aprendizagem (Smith, 2011; Seyfang & Longhurst, 2013, Feola & Nunes, 2014). Por

outro lado, as iniciativas isoladas geograficamente tendem a apresentar maior probabilidade de serem descontinuadas (Feola & Nunes, 2014).

As tecnologias digitais têm também vindo a facilitar o alcance das várias formas de ativismo, pela sua capacidade de conectar à distância pessoas, países e culturas (Vitoratou & Sajuria, 2017). As redes sociais, em particular, têm vindo a ser utilizadas por ativistas e grupos ativistas como um modo semipúblico de estabelecer uma comunidade, recrutar novos participantes e promover a mobilização de grandes grupos de pessoas para manifestações, boicotes e petições (Boulianne & Ohme, 2022).

Como refere Kriesi (2004), a uma dimensão macro, as oportunidades para os cidadãos expressarem os seus interesses, mobilizarem apoio e trabalharem através de processos políticos variam entre sociedades, influenciando igualmente o desenvolvimento de ações ativistas. Neste sentido, de acordo com Tam (2020), em sociedades democráticas, onde os cidadãos têm direito à participação em processos políticos, a expressar publicamente ideias, a associar-se livremente a grupos e associações e a protestar contra o governo, o efeito das motivações psicológicas no envolvimento em ações ativistas é reforçado. Este autor sublinha também o papel facilitador de um maior número de Organizações Não Governamentais do Ambiente (ONGA). Adicionalmente, quando os cidadãos confiam na capacidade do governo para lidar com os problemas ambientais, não encontram razões para intervir, enquanto que os restantes têm maior probabilidade de participar em boicotes, protestos e outras iniciativas (Hooghe & Marien, 2013).

### **Impacto da Ação Ativista Ambiental**

O ativismo ambiental pode ter um impacto a vários níveis, seja este individual, comunitário e/ou social.

A nível individual, estudos demonstram que a ação ativista ambiental não só contribui para o aumento da sensibilização dos indivíduos em relação às causas ambientais, como para uma maior disposição para mudarem comportamentos e estilos de vida com o objetivo de superar problemas ecológicos (Tagkaloglou & Kasser, 2018). Ainda nesta esfera pessoal, a literatura demonstra que o envolvimento no ativismo tende a ter um impacto contínuo na forma de pensar e nos valores dos ativistas ao longo do tempo, com a subsistência dos valores centrais que caracterizam o seu movimento social e da sua identidade enquanto ativistas ao longo da vida (Snow et al., 2018). No que se refere à perceção de bem-estar dos ativistas, as pessoas que se identificam como ativistas, além de experienciarem um maior sentimento de compromisso com uma causa, tendem a

apresentar níveis mais elevados de bem-estar de forma global, nomeadamente, satisfação com a vida, afeto positivo, sensação de crescimento pessoal, vitalidade, e maior integração social, quando comparados com não-ativistas (Klar & Kasser, 2009). Por outro lado, pessoas cujas ambições e identidades estão ligadas a causas sociais podem ser suscetíveis a níveis mais elevados de desgaste psicológico e, eventualmente, a *burnout*, devido ao investimento emocional que o ativismo pode exigir. Este investimento pode potenciar uma maior vulnerabilidade para sentimentos de ausência de esperança, sobrecarga e desânimo, o que, gradualmente, pode culminar em maior sensação de desgaste físico e emocional (Gorski & Chen, 2015).

Já em termos comunitários e societários, o ativismo ambiental constitui igualmente um contributo pivotal para a implementação, a conformidade e a regulação de políticas ambientais, assim como para a prevenção de crimes ambientais (Hasler et al., 2020), adquirindo, desta forma, a capacidade de afetar as decisões governamentais a nível macrossistémico e de larga escala (Corner & Randall, 2011; Uzzell & Rätzsch, 2009; Corner & Randall, 2011).

No entanto, atendendo a este impacto nas decisões e políticas governamentais, os ativistas e associações ambientais são, na atualidade, frequentemente percecionados enquanto uma ameaça para corporações e estados que procuram obter lucro através da exploração de recursos naturais e de outras ações que contribuem para problemáticas ambientais. Esta perceção torna algumas ações inerentes ao ativismo, nomeadamente o protesto, cada vez mais perigosas, com a ocorrência de assédio e perseguição de ativistas por parte deste tipo de entidades (Hasler et al., 2020).

Assim, atendendo à pertinência atual do ativismo ambiental, à contemporaneidade das alterações climáticas e da crise ecológica, ao crescente envolvimento da população geral nestas ações, cada vez mais motivado pelas redes sociais, e ao seu impacto desde um nível micro a um nível macrossistémico, o atual estudo procura conhecer a experiência de ativistas ambientais no contexto português.

## **Método**

### **Objetivo**

O objetivo central do presente estudo é conhecer a experiência de ativismo ambiental em contexto português. Os objetivos específicos são, por sua vez, os seguintes:

1. Compreender as motivações para ser ativista ambiental.
2. Conhecer os facilitadores e os obstáculos mais preponderantes à ação ativista.
3. Compreender o impacto do ativismo ambiental, tanto a nível pessoal como comunitário.

De forma a recolher informação que permita satisfazer os objetivos do estudo, foi seguida uma abordagem qualitativa assente na realização de entrevistas semiestruturadas. Pelo facto de ser incluído apenas um participante, o presente estudo aproxima-se de uma metodologia de estudo de caso, procurando-se explorar aprofundadamente este caso particular, de modo a melhor compreender o fenómeno mais amplo (Ventura, 2007).

### **Participantes**

Neste estudo participou um homem português com 65 anos de idade. É licenciado e trabalha como técnico superior de segurança social no norte de Portugal. Não possui nenhum tipo de formação específica no domínio do ambientalismo, e é ativista ambiental há 35 anos, tendo, atualmente, o cargo de dirigente de uma ONGA de âmbito local. Envolve-se em ações relacionadas com a proteção da fauna e flora, conservação e reabilitação de florestas e com a classificação, valorização e proteção de construções consideradas legado histórico, cultural e arquitetónico.

### **Instrumento**

No presente estudo optou-se pela recolha de dados com recurso a uma entrevista semiestruturada, na medida em que permite, de forma flexível e com o aprofundamento adequado, a exploração da experiência de ativismo ambiental, tal como sugerido por diferentes autores (c.f., Barribal & While, 1994; Boni & Quaresma, 2005; King et al., 2019). Esta é, ainda, uma técnica de recolha de dados amplamente utilizada em investigações qualitativas que ambicionam a compreensão abrangente de um determinado fenómeno, seja ele individual, social ou de um grupo restrito com características bem definidas (Flick, 2004).

Assim, procedeu-se à construção de um guião de entrevista semiestruturada que se compõe, na parte inicial por questões sociodemográficas, a fim de caracterizar o participante quanto à idade, género, habilitações literárias, profissão, formação específica na área do ambiente e percurso no ativismo ambiental. Seguem-se 21 questões abertas que versam sobre a forma como o participante iniciou a sua participação no ativismo ambiental, fatores que motivaram a participação, facilitadores e obstáculos ao exercício do ativismo ambiental e o impacto percebido do seu ativismo.

## **Procedimentos**

### **Recolha de dados**

Inicialmente foi solicitado parecer ético à Comissão de Ética da Universidade Católica Portuguesa. Após a obtenção positiva deste parecer, procedeu-se ao contacto de diferentes pessoas, no âmbito das relações de proximidade dos investigadores do estudo, para a identificação de participantes que fossem ativistas ambientais. Após a identificação dos participantes e obtenção da sua autorização para que fossem contactados pela equipa, foi enviado, por e-mail, um convite com a descrição do estudo e as implicações da participação no mesmo, assim como a forma de recolha de dados. Para dar início à recolha de dados, foi solicitado o consentimento informado, o que se encontra de acordo com as normas éticas e deontológicas de investigação, bem como das diretrizes da Ordem dos Psicólogos Portugueses para a recolha de dados no âmbito de estudos da Psicologia (OPP, 2011). Foi agendado o momento de entrevista e a mesma decorreu através da Plataforma Zoom.

A entrevista decorreu no mês de maio, teve a duração de 87 minutos e foi gravada em formato áudio e transcrita para posterior análise. No decorrer da entrevista, procurou-se que esta ocorresse sem nenhum tipo de constrangimento externo, dando liberdade ao participante para responder às questões de forma livre e espontânea.

### **Tratamento e análise de dados**

Os dados foram analisados através do método de análise temática (Braun & Clarke, 2006). Este método é utilizado para analisar dados qualitativos, permitindo reconhecer, examinar e descrever padrões ou temas presentes nos dados e, através deles, aceder aos significados e experiências das/os participantes (e.g., Brooks et al., 2015).

Após a transcrição integral da entrevista, foi realizada a audição e leitura integral da entrevista, de modo a conhecer toda a informação disponível. Passou-se então à

codificação dos dados, sendo que a mesma teve em conta a identificação de padrões de significado semelhantes, formando assim temas. Estes temas foram posteriormente definidos e revistos, permitindo a obtenção de informação relevante para a resposta aos objetivos propostos (Braun & Clarke, 2006). Esta análise temática foi indutiva, pois não procurou comprovar deduções provenientes da revisão de literatura, mas sim basear-se nos dados recolhidos (Braun & Clarke, 2006).

## **Apresentação e Discussão dos Resultados**

O processo de tratamento e análise dos dados possibilitou a identificação de 4 categorias centrais, alinhadas com as questões de investigação: 1) Motivações para o envolvimento no ativismo ambiental, 2) Facilitadores da ação ativista, 3) Obstáculos da ação ativista, 4) Perceção sobre o impacto do ativismo ambiental. Assim, nesta secção, são apresentados e descritos estes dados, exemplificando-os com excertos da entrevista e discutindo-os com base na literatura prévia.

Para facilitar a leitura dos dados, os objetivos de estudo encontram-se numerados, as categorias de primeira ordem em negrito, as categorias de segunda ordem sublinhadas e as categorias de terceira ordem em itálico. Entre parêntesis encontram-se o número de referências ao longo da entrevista em relação a cada categoria identificada.

### **1. Compreender as motivações para ser ativista ambiental.**

O participante revelou várias **motivações para o seu envolvimento com o ativismo ambiental (12)**. O fator motivacional mais referido foi a necessidade de sensibilizar as outras pessoas para as causas ambientais (5) (*“começamos a pensar em escrever até peças que apelassem à sensibilização pública para as questões do ambiente (...) foi por assim dizer “uma pedrada na altura” pois pouco se falava dessas questões”*) por, na época em que iniciou o seu ativismo, considerar que as pessoas não tinham consciência das causas ambientais e que este apelo à sensibilização era uma necessidade. Neste contexto, surge também a perceção da escassez de interlocutores e associações de defesa do ambiente em Portugal (2) (*“mas nós não tínhamos interlocutores do lado português, efetivamente não havia nenhuma associação”*) em comparação com outras regiões como a Galiza, onde já existiam associações ambientalistas. Estes dados demonstram a importância da existência de ONGAs na promoção do envolvimento da população no ativismo ambiental (Tam, 2020), sendo que o participante reforça que

através da formação da associação se tornou possível desenvolver ações e formações para a sensibilização da comunidade.

Em concordância com a literatura pré-existente, as experiências na infância pareceram fomentar uma relação significativa com a natureza promotora de comportamentos pro-ambientais (Vinning & Merrick, 2012), pelo que o envolvimento com a natureza desde a infância (3) (“*o que me influenciou talvez mais foram as minhas vivências na juventude*”), nomeadamente o facto de ter vivido numa zona rural, onde realizava passeios pelo monte e contemplava a paisagem junto ao rio, resultou na valorização destes espaços naturais e no reconhecimento da necessidade de os preservar (“*Em cima das rochas a contemplar o Rio Minho e possivelmente, a pensar na sua importância e na sua necessidade de ser preservado*”).

Por último, a preocupação com o ambiente (2) (“*toca-me de perto, assistir à degradação da paisagem, dos valores naturais, do património cultural*”), isto é, a percepção de que os valores culturais e naturais se encontram cada vez mais em risco e degradação, foi também mencionada, demonstrando o papel importante das emoções para o envolvimento no ativismo, tal como evidenciado na literatura (De Moor et al., 2020).

## **2. Conhecer os facilitadores e os obstáculos mais preponderantes na ação ativista.**

No que toca aos **facilitadores para a ação ativista** (16), a perspetiva do participante denotou a importância do envolvimento da comunidade para a facilitação do ativismo, tal como se encontra retratado em estudos anteriores (e.g. Feola & Nunes, 2014). Sublinhou a colaboração com a população e associações da comunidade (9) (“*nós conseguimos mobilizar as populações porque tínhamos consciência que os políticos e as câmaras só iriam tomar uma posição clara se vissem que as populações estavam a movimentar-se e foi isso que aconteceu*”), nomeadamente com padres, cantores, associações de pesca e de desportos radicais da comunidade por várias causas ambientais. O participante argumenta que esta mobilização da população é o meio mais eficaz de promover a tomada de posição dos políticos e do governo em relação às causas ambientais (“*Se não conseguirmos mobilizar as populações, os políticos não vão sair da posição acomodada em que se encontram, e foi realmente verdade, eles só se mexeram depois de ver que as populações já estavam a protestar e a vir para a rua e a manifestarem-se.*”), reforçando a importância do ativismo por ação direta para a mudança sociopolítica (Cammaerts, 2007). Neste sentido, surge também o apoio por parte de entidades de poder

local (3) (“sabemos que, realmente, da parte das autarquias existe uma receptividade que antigamente não encontrávamos.”), isto é, a crescente colaboração entre ONGAs e as autarquias e juntas de freguesia na preservação da natureza e resolução de problemas ambientais, nomeadamente em matérias como o corte das árvores, a gestão de baldios e a reivindicação de espécies infestantes.

De acordo com o participante, as características dos próprios ativistas têm também um papel facilitador na ação ativista, nomeadamente a adoção de uma postura empática e pacífica por parte dos ativistas (4) (“Se esta comunicação acontece de uma forma arrogante, como sendo os conhecedores e que só eles detêm a verdade, isso afasta desde logo as pessoas e dificulta depois a passagem da mensagem.”), reforçando a importância de uma comunicação clara, racional e calma e de ouvir as opiniões dos outros. De facto, esta postura pode ter um efeito positivo na aderência da população à defesa das causas e adoção dos comportamentos promovidos pelos ativistas, visto que contribui para o combate da visão dos ativistas enquanto indivíduos militantes (Bashir et al., 2013).

Já em relação aos **obstáculos à ação ativista (28)**, apesar de estudos anteriores defenderem um maior número de ONGAs enquanto facilitador, associado ao seu efeito promotor do envolvimento da população (Tam, 2020; Kriesi, 2004), o relato do participante revela que o atual volume crescente de ONGAs, por si só, não contribui necessariamente para o maior sucesso do ativismo. De acordo com o participante, constata-se que se assiste a um maior ambiente de isolamento e ausência de comunicação entre as várias associações ambientalistas portuguesas, cujas causas atribui às divergências nos seus posicionamentos em relação às problemáticas e às suas soluções, e à baixa eficácia da confederação das associações do ambiente na promoção da harmonia entre as várias associações (3) (“Nós chegamos a propor algumas formas de luta e que seriam depois, desenvolvidas por todas as associações a nível nacional (...) mas não conseguimos, a confederação não existe e deveria ter um papel ativo e devia ter um papel importante e não funcionou.”). Esta ausência de coordenação e organização tem um efeito prejudicial no movimento ambientalista, visto que resulta na impossibilidade de operar uma resposta nacional consistente às problemáticas ambientais, o que o participante considera fundamental (“propusemos uma estrutura de coordenação a nível nacional e não conseguimos, porque as divergências eram tão grandes, a nível dos movimentos, foi impossível”; “há um bocado essa dificuldade de só das pessoas se organizarem e darem uma estrutura, com mínimo de consistência, e uma resposta nacional seria fundamental.”). Assim, o participante sublinha a desorganização e

divergências entre as várias associações ambientalistas portuguesas (9) enquanto um dos principais fatores que desfavorece o sucesso do ativismo em Portugal.

Ainda nesta dimensão macro, a ausência de apoio político dos órgãos do governo (7) foi também um obstáculo sublinhado pelo participante, retratando-se um papel antagonista dos órgãos do governo em relação à ação ativista ambiental, tanto no acesso das organizações ao voluntariado, à falta de autorização para participar em ações de sensibilização e à ausência de interlocutores satisfatórios no ministério do ambiente (“*até costumamos dizer que os piores inimigos do ambiente estão no ministério do ambiente.*”); “*(...) muitas vezes os políticos queixam-se que as pessoas têm uma consciência ambiental muito débil. Mas o que nós consideramos é que os políticos já não estão a acompanhar muitas vezes, a consciência e a sensibilidade das populações.*”). Assim, verifica-se uma ausência de oportunidade para estas organizações expressarem os seus interesses e mobilizarem apoio, assim como uma falta de confiança no governo (Kriesi, 2004), o que afeta negativamente o sucesso da sua ação ativista.

Por outro lado, apesar do aumento significativo nos últimos anos do envolvimento da população no ativismo ambiental, decorrente da crescente consciência de uma crise ecológica (Ye et al., 2022), de acordo com o participante, persiste a indiferença das pessoas em relação às causas ambientais (2) (“*As dificuldades que nós mais lidamos é a permissividade das pessoas e a indiferença*”). Esta indiferença mencionada pelo participante, tendo em conta a literatura, pode estar relacionada com vários fatores, tais como crenças e comportamentos pré-existentes não-ecológicos, *feedback* insuficiente sobre estes comportamentos e falta de conhecimento pró-ambiental (Kollsuss & Agyeman, 2002). Neste sentido, foi também apontada a pouca adesão da população jovem ao trabalho organizado (4) (“*notamos é realmente algumas dificuldades em mobilizar, por exemplo, os jovens com trabalho mais organizado.*”; “*eles acabam por participar numa ação ou noutra, mas depois durante uns tempos ninguém mais os vê. Desmobilizam.*”). Tendo em conta a dependência da contribuição dos voluntários para a ação ativista (Smith, 2011), esta dificuldade em promover o envolvimento da população para as causas ambientais, e a participação tendencialmente pontual dos voluntários mais jovens, surgem como obstáculos significativos para o sucesso desta prática.

Destaca-se também a dificuldade em alcançar objetivos e produzir efeitos práticos (Ornetzelder & Rohracher, 2013), devido à morosidade na obtenção de resultados (3) na luta pelas causas ambientais, visto que muitas delas, pela sua natureza, requerem um investimento consistente a longo prazo (“*algumas causas, algumas lutas demoram muitos*

anos, para conseguirmos resultados.”; “efetivamente temos tido algumas lutas de dez anos, doze anos”).

Por último, surge um obstáculo que ainda não se encontra contemplado na literatura, que o participante denomina como “sede de protagonismo” por parte de ativistas e associações ativistas (3), definindo-o como a priorização da popularidade e sucesso da associação ou ativista em si em detrimento da luta pelas causas ambientais (“estamos sempre a chocar com uma “sede” de protagonismo que nós detetamos em muitos ativistas, em que querem sempre levar a bandeira à frente, nós não queremos a bandeira da associação, queremos a bandeira do ambiente”; “há associações nacionais que têm sempre que marcar território pondo o logótipo da associação”). O participante argumenta que muitas das associações e ativistas portuguesas pelo ambiente focam-se na obtenção de notoriedade como forma de se destacarem das restantes e não na resolução conjunta das problemáticas ambientais, o que deveria ser a sua função. Esta necessidade de notoriedade, representa, para o participante, o oposto da missão dos grupos ativistas, que deve ser tornarem-se desnecessários por terem conseguido resolver as problemáticas que os levaram à necessitar de se organizar e intervir (“E costumamos dizer que seria importante que não tivessem que existir as associações. As associações devem percorrer um caminho que as tornem inúteis e desnecessárias.”).

### **3. Compreender o impacto do ativismo ambiental, tanto a nível pessoal como comunitário.**

Em relação à **perceção sobre o impacto do ativismo ambiental (15)**, este descreveu um impacto tanto pessoal como comunitário. A nível do impacto pessoal (5), o participante sublinha a *exposição pública* (4) consequente da ação ativista, que resulta numa monitorização por parte dos *media* e de indivíduos ou entidades que não concordem com a sua ação ativista (“*tinha consciência que alguma falha minha iria ser sempre aproveitada (...)*”; “*era natural que as pessoas não concordassem tanto e não estivessem tão sensibilizadas e aproveitassem qualquer falha, para denegrir a minha imagem e denegrir a associação*”). Este aspeto já tem vindo a ser indiretamente abordado na literatura (c.f. Hasler et al., 2020), relacionado com a ameaça que ativistas ambientais representam para entidades cujo lucro depende da exploração ambiental, resultante na ocorrência de perseguições e outro tipo de perigos para os ativistas. O participante mencionou também o *desgaste psicológico* (2) que advém da ação ativista, associada à,

já mencionada, morosidade na obtenção de resultados na luta pelas causas ambientais (*“Mas também sabemos que há sempre depois um projeto ou projetos que aparecem, que estamos sempre, como se costuma dizer, “a correr atrás do prejuízo”... Nunca estamos, por assim dizer, descansados”*). Este desgaste psicológico associado ao ativismo, pode colocar os ativistas sob maior risco de *burnout*, o que reforça a ideia de que o impacto percebido pelos ativistas poderá condicionar várias dimensões do seu funcionamento, nomeadamente a saúde mental (Gorski & Chen, 2015).

Em relação ao impacto comunitário (10), em concordância com estudos anteriores (Tagkologlou & Kasser, 2018), o participante destaca a *sensibilização e envolvimento das comunidades nas causas ambientais* (8) (*“A comunidade vai-se envolvendo muito mais do que se envolvia.”*), com o desenvolvimento de ações como a plantação de árvores e a criação de “grupos eco” de aconselhamento nas escolas, o que contribui para a adoção de comportamentos e estilos de vida mais ecológicos (*“E é certo que nós continuamos com ações em defesa do lobo e as pessoas que têm animais, inclusivamente, pastores, quando há algum ataque telefonam para nós, para indicarmos como devem proceder”*) e para o seu envolvimento contínuo na prática ativista a longo prazo (*“temos pessoas que (...) fizeram e participaram em ações que nós na altura realizamos com plantação de árvores ou tops, marchas de montanha, e que neste momento fazem parte da direção, portanto, sabemos que essas ações que muitas vezes marcam”*). Neste sentido, aponta-se também a *mobilização de agentes de poder local pelas causas ambientais* (3) (*“(…) conseguimos mobilizar as câmaras do lado português”; “Mobilizamos as juntas de freguesia”*), isto é, a capacidade de promover a tomada de posição política por parte de agentes de poder na resolução de problemáticas ambientais, reforçando o contributo crucial do ativismo ambiental para o desenvolvimento e regulação de políticas ambientais (Hasler et al., 2020).

## **Conclusões**

Este estudo teve como objetivo conhecer a experiência de ativismo ambiental em contexto português de acordo com a perceção dos próprios ativistas. Em termos da motivação para a prática ativista, destaca-se um dado de extrema relevância, que é a importância de proporcionar experiências de contacto com a natureza na infância, de forma a promover a valorização dos espaços naturais. Esta valorização está associada à preocupação com o ambiente e ao propósito de sensibilizar o outro, na medida que contribui para a consciencialização do indivíduo para a necessidade de proteger estes espaços, incentivando o seu envolvimento na luta pelas causas ambientais e, assim, a proteção da natureza através do ativismo.

Numa outra vertente, o destaque dado ao impacto da postura e comportamentos por parte dos ativistas para o sucesso do ativismo demonstra a importância da adoção de princípios e valores orientadores baseados no convívio, na positividade e no sentido de comunidade na ação ativista (Feola & Nunes, 2014), que, enquanto influenciam positivamente e guiam os comportamentos dos ativistas, promovem o envolvimento da comunidade no ativismo.

Conclui-se ainda que, embora a literatura indique uma transição recente na mentalidade da população, resultante da atual crise ecológica, na medida que os problemas ambientais deixaram de ser entendidos como questões locais que afetam um pequeno número de pessoas a curto-prazo (Garner, 2011), na prática, sob a ótica do ativista, esta mudança não se está a verificar. Apesar da crescente consciencialização da população e maior apoio às causas ambientais, continua a haver falta de voluntários no trabalho organizado, sendo esta prática pouco impulsionada pelos órgãos do governo. Assim, para além da atual parceria descrita pelo participante entre as associações ativistas, a comunidade e os agentes de poder local, como câmaras municipais e juntas de freguesia, existe uma falta de apoio a um nível mais macro por parte dos órgãos governamentais, continuando as problemáticas ambientais a ser resolvidas isoladamente, a nível local. Esta falta de apoio, aliada à incapacidade de promover a colaboração entre as várias associações nacionais de ambiente, impossibilita o desenvolvimento de respostas nacionais consistentes, o que compromete o sucesso das intervenções desenvolvidas para fazer face aos problemas ambientais, a nível global e de longo-prazo.

A este respeito, conclui-se também que o objetivo para promover o sucesso do ativismo ambiental não deve ser apenas aumentar o volume de ONGAs, como sugere a literatura (c.f. Tam, 2020), mas sobretudo promover o diálogo e colaboração entre as

organizações pré-existentes, através da viabilização do funcionamento da confederação de associações ambientalistas.

Os resultados do estudo sublinham ainda a importância do ativismo ambiental em Portugal enquanto um promotor da mudança e da resolução de problemáticas ambientais, seja, a um nível: individual, pela sensibilização dos indivíduos e promoção da adoção de comportamentos mais ecológicos; comunitário, pela promoção do envolvimento de associações da comunidade nas ações ambientais que desenvolve; e societal, pela sua capacidade de mobilizar agentes de poder pelas causas ambientais.

No presente estudo foi incluído um participante, o que permitiu obter um relato focado apenas na experiência e perceções de um único ativista ambiental. Apesar de ter sido uma partilha rica em termos de informação, considera-se que seria importante em futuras investigações incluir uma amostra mais alargada de participantes, de forma a aceder a uma maior variedade de experiências de ativistas e em diferentes zonas do país. O acesso a variadas experiências de ativistas ambientais potencia um maior conhecimento relativamente a fatores que possam contribuir para o (in)sucesso do ativismo ambiental, percebendo, por um lado, as fragilidades e dificuldades enfrentados, e por outro, as iniciativas, o posicionamento, e a postura a que se deve dar continuidade em termos de ação.

Atendendo aos resultados do estudo, mais especificamente ao impacto percebido do ativismo ambiental enquanto fonte de desgaste psicológico para o participante, demonstra-se também pertinente que os estudos futuros explorem o impacto do ativismo na saúde mental, recorrendo, nomeadamente, a instrumentos de avaliação de indicadores de saúde mental, como a perceção de qualidade de vida e o burnout.

No que se refere às implicações práticas, o desgaste psicológico e conseqüente risco de burnout associado à prática ativista surge, com base no atual estudo, enquanto um potencial foco de prevenção e intervenção psicológica junto desta população. Os resultados do estudo sugerem também a necessidade de incentivar os jovens a comprometerem-se com a prática do ativismo ambiental, demonstrando a pertinência do desenvolvimento de projetos comunitários de educação ambiental, em conjunto com escolas e universidade, com um foco no papel dos jovens enquanto agentes de mudança e no impacto do ativismo ambiental.

## Referências

- Alsop, S. e Bencze L. (2009). *Activism! Toward a More Radical Science and Technology Education* In book: *Activist Science and Technology Education* (pp.1-19)
- Barriball, L., & While, A. (1994). Collecting data using a semi-structured interview: A discussion paper. *Journal of Advanced Nursing*, 19(2), 328-335. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.1994.tb01088.x>
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(1).
- Boulianne, S., & Ohme, J. (2022). Pathways to environmental activism in four countries: social media, environmental concern, and political efficacy. *Journal of Youth Studies*, 25(6), 771–792. <https://doi.org/10.1080/13676261.2021.2011845>
- Bozonnet, J. P. (2016). *Explaining environmental activism by national cultures*. In A. Telesiene, & M. Gross (Eds.), *Green European*. Routledge.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2) 77–101. 10.1191/1478088706qp063oa
- Brooks, J., McCluskey, S., Turley, E., & King, N. (2015). The Utility of Template Analysis in Qualitative Psychology Research. *Qualitative research in psychology*, 12(2), 202–222. <https://doi.org/10.1080/14780887.2014.955224>
- Cammaerts, B. (2007). Activism and media. In B. Cammaerts & N. Carpentier (Eds.), *Reclaiming the Media: Communication Rights and Democratic Media Roles* (1st ed., Vol. 3, pp. 217–224). Intellect.
- Corner, A., & Randall, A. (2011). *Selling climate change? The limitations of social marketing as a strategy for climate change public engagement*. *Global environmental change*, 21(3), 1005–1014. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2011.05.002>
- De Moor, J.; Uba, K.; Wahlstrom, M.; Wennerhag, M.; De Vydt, M. (2020k). *Protest for a Future II: Composition, Mobilization and Motives of the Participants in Fridays for Future Climate Protests on 20–27 September 2019, in 19 Cities around the World*. 2020. Available online: <https://osf.io/asruw/> (accessed on 15 February 2021).
- Feinberg, M., Willer, R., & Kovacheff, C. (2020). The activist’s dilemma: Extreme protest actions reduce popular support for social movements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 119(5), 1086–1111. <https://doi.org/10.1037/pspi0000230>

- Feola, G., & Nunes, R. (2014). *Success and failure of grassroots innovations for addressing climate change: The case of the Transition Movement*. *Global Environmental Change*, 24, 232–250. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2013.11.011>
- Fisher, D. R., & Nasrin, S. (2020). *Climate activism and its effects*. *WIREs Climate Change*, 12(1). <https://doi.org/10.1002/wcc.683>
- Flick, U. (2004). Triangulation in qualitative research. *A companion to qualitative research*, 3, 178-183.
- Garner, R. (2011). *Environmental politics: The age of climate change*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-0-230-34403-7>
- Gorski, P. C., & Chen, C. (2015). “Frayed All Over:” The Causes and Consequences of Activist Burnout Among Social Justice Education Activists. *Educational Studies*, 51(5), 385–405. <https://doi.org/10.1080/00131946.2015.1075989>
- Hasler, O., Walters, R., & White, R. (2020). In and Against the State: The Dynamics of Environmental Activism. *Critical Criminology*, 28(3), 517–531. <https://doi.org/10.1007/s10612-019-09432-0>
- Haugestad, C. A., Skauge, A. D., Kunst, J. R., and Power, S. A. (2021). Why do youth participate in climate activism? A mixed-methods investigation of the# FridaysForFuture climate protests. *J. Environ. Psychol.* 76, 101647
- Hodson, D. (2014). *Becoming part of the solution: Learning about activism, learning through activism, learning from activism*. In J. L. Bencze & S. Alsop (Eds.), *Activist science and technology education* (pp. 67–98). Dordrecht: Springer
- Hooghe, M., & Marien, S. (2013). *A comparative analysis of the relation between political trust and forms of political participation in Europe*. *European Societies*, 15(1), 131–152. <https://doi.org/10.1080/14616696.2012.692807>
- Inglehart, R. (1995). *Public support for environmental protection: Objective problems and subjective values in 43 societies*. *PS: Political Science & Politics*, 28, 57–72.
- JUSTFUTURES. (2022). *Movimento climático em Portugal*. <https://justfutures.pt/2022/09/16/relatorio-movimento-climatico-em-portugal/>

- Kaiser, F. G., Roczen, N., & Bogner, F. X. (2008). *Competence formation in environmental education: Advancing ecology-specific rather than general abilities*. *Umweltpsychologie*, 12(2), 56-70. <https://doi.org/10.5167/uzh-9249>
- King, N., Horrocks, C., & Brooks, J. (2019). *Interviews in qualitative research*. (Second ed.) Sage Publications.
- Klar, M., & Kasser, T. (2009). Some Benefits of Being an Activist: Measuring Activism and Its Role in Psychological Well-Being. *Political Psychology*, 30(5), 755–777. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2009.00724.x>
- Kollmuss, A., & Agyeman, J. (2002). Mind the Gap: Why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior? *Environmental Education Research*, 8(3), 239–260
- Kriesi, H. (2004). *Political context and opportunity*. In D. A. Snow, S. A. Soule, & H. Kriesi (Eds.), *The Blackwell companion to social movements* (pp. 67–90). Blackwell Publishing.
- Marquart-Pyatt Bashir, N. Y., Lockwood, P., Chasteen, A. L., Nadolny, D., & Noyes, I. (2013). The ironic impact of activists: Negative stereotypes reduce social change influence. *European Journal of Social Psychology*, 43(7), 614–626. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/ejsp.1983>
- Marquart-Pyatt, S. T. (2011). Explaining Environmental Activism Across Countries. *Society & Natural Resources*, 25(7), 683–699. <https://doi.org/10.1080/08941920.2011.625073>
- Molinario, E., Kruglanski, A. W., Bonaiuto, F., Bonnes, M., Cicero, L., Fornara, F., Scopelliti, M., Admiraal, J., Beringer, A., Dedeurwaerdere, T., deGroot, W., Hiedanpää, J., Knights, P., Knippenberg, L., Ovdenden, C., Horvat, K. P., Popa, F., Porrás-Gómez, C., Smrekar, A., ... Bonaiuto, M. (2020). *Motivations to act for the protection of nature biodiversity and the environment: A matter of “significance”*. *Environment and Behavior*, 52(10), 1133–1163. <https://doi.org/10.1177/0013916518824376>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2011). *Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses*. [https://www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/documentos/regulamento\\_637\\_2021.pdf](https://www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/documentos/regulamento_637_2021.pdf)

- Ornetzelder, M., & Rohracher, H. (2013). *Of solar collectors, wind power, and car sharing: Comparing and understanding successful cases of grassroots innovations*. *Global Environmental Change*, 23(5), 856-867. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2012.12.007>
- Saab R, Tausch N, Spears R, Cheung WY. *Acting in solidarity: Testing an extended dual pathway model of collective action by bystander group members*. *Br J Soc Psychol*. v Sep; 54(3):539–560. <https://doi.org/10.1111/bjso.12095> PMID: 25406712
- Sang, Y., Yu, H., & Han, E. (2022). Understanding the Barriers to Consumer Purchasing of Zero-Waste Products. *Sustainability*, 14(24). <http://dx.doi.org/10.3390/su142416858>
- Schultz, P. W. (2011). *Conservation means behavior*. *Conservation Biology*, 25, 1080-1083. <https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2011.01766.x>
- Seyfang, G., & Longhurst, N. (2013). *Desperately seeking niches: grassroots innovations and niche development in the community currency field*. *Global Environmental Change*, 23(5), 881-891. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2013.02.007>
- Smith, A. (2011). *The transition town network: A review of current evolutions and renaissance*. *Social Movement Studies*, 10, 99–105.
- Snow, D. A., Soule, S. A., Kriesi, H., & McCammon, H. J. (Eds.). (2018). *The Wiley Blackwell Companion to Social Movements*. doi:10.1002/9781119168577
- Stern, P. C. (2000). Toward a coherent theory of environmentally significant behavior. *Journal of Social Issues*, 56(3), 407–424.
- Tagkaloglou, S., & Kasser, T. (2018). Increasing collaborative, pro-environmental activism: The roles of motivational interviewing, self-determined motivation, and self-efficacy. *Journal of Environmental Psychology*, 58, 86–92. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2018.06.004>
- Tam, K. (2020). Understanding the psychology X politics interaction behind environmental activism: The roles of governmental trust, density of environmental NGOs, and democracy. *Journal of Environmental Psychology*, 71. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.101330>
- Theocharis, Y., Vitoratou, S., & Sajuria, J. (2017). Civil Society in times of Crisis: Understanding Collective Action Dynamics in Digitally-Enabled Volunteer Networks.

*Journal of Computer-Mediated Communication*, 22(5), 248–265.  
<https://doi.org/10.1111/jcc4.12194>

Uzzell, D., & Rätzsch, N. (2009). Transforming environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*, 29(3), 340–350. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.11.005>

Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SoCERJ*, 20(5), 383-386.

Vining, A., & Merrick, M. (2012). *Environmental epiphanies: Theoretical foundations and practical applications*. In S. D. Clayton (Ed.), *The Oxford handbook of environmental and conservation psychology* (pp. 485-508). Oxford University Press.  
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199733026.013.0026>

Wells, N. M., & Lekies, K. S. (2006). *Nature and the life course: Pathways from childhood nature experiences to adult environmentalism*. *Children Youth and Environments*, 16(1), 1-24.

## Anexos

### Anexo 1 - Sistema de Categorias

Categorias de 1ª ordem	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 3ª ordem
<p><b>Motivação para o envolvimento no ativismo ambiental</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências às motivações para se envolver no ativismo ambiental.</p> <p><b>12 referências</b></p>	<p><b>Preocupação com o ambiente</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à preocupação ambiental e com a situação de risco do ambiente enquanto motivador para a ação ativista.</p> <p><b>2 referências</b></p> <p><i>“toca-me de perto, assistir à degradação da paisagem, dos valores naturais, do património cultural”</i></p>	
	<p><b>Necessidade de sensibilizar as pessoas para as causas ambientais</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à percepção da necessidade de sensibilização da população para as problemáticas ambientais enquanto motivador para a ação ativista.</p> <p><b>5 referências</b></p>	

*“começamos a pensar em escrever até peças que apelassem à sensibilização pública para as questões do ambiente (...) foi por assim dizer ‘uma pedrada’ na altura, pois pouco se falava dessas questões”*

**Perceção da escassez de interlocutores e associações de defesa do ambiente em Portugal**

Nesta categoria incluem-se referências à perceção da falta de interlocutores que defendem as causas e valores ambientais em Portugal enquanto motivador para a ação ativista.

**2 referências**

*“mas só não temos interlocutores do lado português, efetivamente não havia nenhuma associação”*

	<p><b>Envolvimento com a natureza desde a infância</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências ao contacto com espaços naturais e rurais durante a infância enquanto um motivador para a ação ativista.</p> <p><b>3 referências</b></p> <p><i>“quando era criança e jovem, fazia muitos passeios pelo monte, na minha casa e ficava mesmo junto ao monte, (...) em cima das rochas a contemplar o Rio Minho e possivelmente, a pensar na sua importância e na sua necessidade de ser preservado”</i></p>	
<p><b>Facilitadores da ação ativista</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências aos fatores que facilitam o sucesso do ativismo.</p> <p><b>16 referências</b></p>	<p><b>Apoio de entidades de poder local</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências ao suporte e colaboração por parte de juntas de freguesia e câmaras municipais enquanto facilitadores da ação ativista.</p> <p><b>3 referências</b></p> <p><i>“Uma sensibilização cada vez maior das autarquias e das</i></p>	

*juntas de freguesias (...) somos chamados muitas vezes, pelas juntas, para tentar resolver problemas ambientais”*

**Colaboração com a população e associações da comunidade**

Nesta categoria incluem-se referências à parceria com pessoas e associações da comunidade e à sua mobilização pelas causas ambientais enquanto facilitadores da ação ativista.

**9 referências**

*“Se não conseguirmos mobilizar as populações, os políticos não vão sair da posição acomodada em que se encontram, e foi realmente verdade, eles só se mexeram depois de ver que as populações já estavam a protestar e a vir para a rua e a manifestarem-se. E foi a partir daí que nós conseguimos”*

	<p><b>Postura empática e pacífica por parte dos ativistas</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à postura dos ativistas, no que toca à importância da sua empatia, calma e estilo de comunicação não-agressivo, enquanto facilitador da ação ativista.</p> <p><b>4 referências</b></p> <p><i>“não se consegue mobilizar as pessoas, por mais razões que as associações tenham, por mais justas que sejam as suas respostas e adequadas, se os seus dirigentes não conseguirem comunicar com as pessoas, não se conseguem juntar às pessoas de uma forma pacífica e racional.”</i></p>	
<p><b>Obstáculos da ação ativista</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências a fatores que prejudicam o sucesso da ação ativista.</p>	<p><b>Morosidade na obtenção de resultados</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências ao investimento a longo-prazo que as causas ambientais requerem e subsequente morosidade na concretização dos objetivos</p>	

<p><b>28 referências</b></p>	<p>enquanto obstáculos da ação ativista.</p> <p><b>3 referências</b></p> <p><i>“algumas causas, algumas lutas demoram muitos anos, para conseguirmos resultados.”</i></p>	
	<p><b><i>Sede de protagonismo” por parte de ativistas e associações ativistas</i></b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à priorização da popularidade e sucesso da associação ou ativista em si em detrimento da luta pelas causas ambientais enquanto obstáculo da ação ativista.</p> <p><b>3 referências</b></p> <p><i>“estamos sempre a chocar com uma "sede" de protagonismo que nós detetamos em muitos ativistas, em que querem sempre levar a bandeira à frente, nós não queremos a bandeira da associação, queremos a bandeira do ambiente”</i></p>	

**Indiferença das pessoas em relação às causas ambientais**

Nesta categoria incluem-se referências à indiferença demonstrada pela população em relação às problemáticas ambientais enquanto obstáculo da ação ativista.

**2 referências**

*“As dificuldades que nós mais lidamos é a permissividade das pessoas e a indiferença”*

**Pouca adesão da população jovem a trabalho organizado**

Nesta categoria incluem-se referências à tendência da população jovem se envolver apenas pontualmente no ativismo ambiental e à dificuldade de envolver esta população em causas ambientais de modo organizado e a longo prazo enquanto obstáculos para a ação ativista.

**4 referências**

*“Os jovens acabam por participar numa ação ou noutra, mas depois durante uns*

	<p><i>tempos ninguém mais os vê. Desmobilizam.”</i></p>	
	<p><b>Ausência de apoio político dos órgãos do governo</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências ao antagonismo por parte de órgãos do governo no acesso das organizações ativistas ao voluntariado, à falta de autorização para estas participarem em ações de sensibilização e à ausência de interlocutores satisfatórios no ministério do ambiente, enquanto obstáculos da ação ativista.</p> <p><b>7 referência(s)</b></p> <p><i>“Quando a associação se fundou era fácil suscitar a intervenção do ministério do ambiente em relação a um aspeto qualquer, era fácil, até falar com o Secretário de Estado ou com o ministro (...) havia realmente ali alguns</i></p>	

*condutores da comunicação que estavam estabelecidos e sabíamos que do outro lado estavam pessoas que vestiam a camisola, por assim dizer, da defesa do ambiente. Já há uns anos não encontramos e até costumamos dizer que os piores inimigos do ambiente estão no ministério do ambiente.”*

**Desorganização e divergências entre as várias associações ambientalistas portuguesas**

Nesta categoria incluem-se referências ao ambiente de isolamento, conflito e ausência de comunicação entre as várias associações ambientalistas portuguesas enquanto obstáculo da ação ativista.

**9 referências**

*“Às vezes o mais difícil é debater com outras associações*

	<p><i>ligadas ao ambiente, aí divergimos e torna-se difícil de conseguirmos que as divergências não desapareçam.”</i></p>	
	<p><b>Baixa eficácia da confederação das associações do ambiente</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à baixa eficácia da confederação das associações do ambiente na promoção da harmonia e comunicação entre as várias associações enquanto obstáculo da ação ativista.</p> <p><b>3 referências</b></p> <p><i>“a confederação não existe e deveria ter um papel ativo e devia ter um papel importante e não se funcionou.”</i></p>	

<p><b>Percepção sobre o impacto do ativismo ambiental</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à percepção do impacto pessoal e comunitário do ativismo ambiental.</p> <p><b>15 referências</b></p>	<p><b>Pessoal</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à percepção do impacto do ativismo ambiental, a um nível pessoal.</p> <p><b>5 referências</b></p> <p><i>“Estamos sempre, como se costuma dizer, ‘a correr atrás do prejuízo’... Nunca estamos, por assim dizer, descansados”</i></p>	<p><b>Desgaste psicológico</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências ao desgaste psicológico causado pela ação ativista associado à dificuldade em atingir objetivos.</p> <p><b>2 referências</b></p> <p><i>“O que é bastante desgastante para nós, mas quando as iniciamos, temos que as levar até ao fim”</i></p> <hr/> <p><b>Exposição pública</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à exposição pública e monitorização pelos <i>media</i>, associada a tentativas de retaliação por parte de entidades em discordância com as causas ambientais.</p> <p><b>4 referências</b></p> <p><i>“há uns anos atrás, pela parte de que todos os dias, era contactado pelos jornais, pelas televisões e isso acabava por me colocar</i></p>
--	--	---

		<p><i>muito sobre os ou holofotes, como se costuma dizer.”</i></p>
	<p><b>Comunitário</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à percepção do impacto do ativismo ambiental, a um nível comunitário.</p> <p><b>10 referências</b></p> <p><i>“As pessoas estão mais mobilizadas para as questões do ambiente.”</i></p>	<p><b>Mobilização de agentes de poder local pelas causas ambientais</b></p> <p>Nesta categoria incluem-se referências à capacidade do ativismo ambiental promover a tomada de posição política por parte de câmaras municipais e juntas de freguesia na resolução de problemáticas ambientais.</p> <p><b>3 referências</b></p> <p><i>“(..)conseguimos mobilizar as câmaras do lado português”</i></p>

**Sensibilização e  
envolvimento das  
comunidades nas causas  
ambientais**

Nesta categoria incluem-se referências à sensibilização, valorização do ambiente e promoção da mobilização das comunidades na resolução de problemáticas ambientais.

**8 referências**

*“A partir do momento em que nós conseguimos passar informação e fazer chegar até às pessoas alguma informação relevante começamos a ver que era muito mais fácil depois mobilizá-las, e que havia alguma receptividade para as questões que nós falávamos”*